

ESI EDUGYAN

UM BLUES MESTIÇO

Tradução de Tânia Ganho

Primeira parte

Paris, 1940

O Chip avisou-nos para não sairmos. Não tentem o diabo, rapazes, disse-nos. Mas foi uma noite de farra, ó se foi, com a malta ainda meio grogue do tintol – o tintol era barato, entendem, era a bebida dos camponeses franceses, mas agarrava-se-nos às entranhas com unhas e dentes. Nem o aspeto era bom, todo musgoso e preto dentro da garrafa. Era como beber água pantanosa.

Deitámo-nos, exaustos, no apartamento, as janelas tapadas com lençóis. A primeira luz da manhã era tão intensa que se infiltrava por entre as brechas e caía como um pano sobre a nossa pele. Umhas horas antes, ‘tivemos a tocar num estúdio de vão de escada, a tentar gravar um disco. Um quartinho deprimente, mais parecido com uma despensa de fantasmas do que com uma sala de música, os radiadores estragados a soltarem vapor com um silvo agudo, garrafas vazias a rolares de uma ponta à outra do chão inclinado. As pontas dos nossos cigarros brilhavam como buraquinhos na escuridão e foi assim que percebi que não ‘távamos a criar sensação, o fumo do cigarro do Hiero nem se mexia. Ele mantinha-o imóvel nos lábios como se não conseguisse orientar-se na música. E ali ‘távamos, todos a marcar o ritmo, ouvindo o esgaravatar das ratazanas dentro da parede entre *takes*. Irrequietos como o diabo. Talvez não fôssemos assim tão maus como isso, mas eu, pelo menos, sentia-me

desligado. Demasiado nervoso, demasiado tresloucado, demasiado concentrado a vigiar a porta. Esqueçam o tintol, esqueçam o isolamento do estúdio; nada me arrancava de mim mesmo. Suei as estopinhas a tocar até ao fim, *take* atrás de *take*, pra depois ver o Hiero riscar o maldito disco e atirá-lo para o lixo.

– Isto não passa dum chorrilho de erros – murmurava o Hiero de cada vez. – Um chorrilho de *erros*.

– Fazemos música como reis... *depois* da população ter acabado com eles – comentou o Chip.

O Coleman e eu não dissemos nada, de cabeça caída, cansados.

Mas o Hiero, limpando o trompete com um lenço enegrecido, virou-se e lançou ao Chip um olhar de puro desprezo.

– Sim, mas, *chiça*. Mesmo no nosso *pior* somos geniais.

Fiquei aturdido ao ouvi-lo dizer isto. Há semanas qu’o puto andava a dizer qu’o nosso som era uma desgraça. Pegava nos discos à bruta, riscava a laca com um canivete e dava cabo deles. Gritava que não havia nada que s’aproveitasse. Mas *havia* qualquer coisa. Uma semente qualquer de beleza perversa.

Não fiz de propósito. Não sei porquê, mas quando o puto virou costas, despi o colete, peguei no último disco – ainda frágil, ainda com os sulcos frescos – e embrulhei-o no tecido. Olhei à minha volta, nervoso, e depois escondi-o no estojo do meu contrabaixo. Os outros ‘tavam a guardar os instrumentos.

– Quê feito do último disco? – perguntou o Hiero, franzindo o sobrolho. Olhou pró caixote do lixo, pra todos os discos estragados que lá ‘tavam.

– Deve estar aí dentro, pá – disse eu. – Não o querias, ou querias? Ele lançou-me um olhar carrancudo.

– Não serve pra nada. Nunca havemos de tocar como deve ser.

– Que conversa é essa, puto? – ripostou o Chip, arrastando a voz. – ‘Tás a dizer que devíamos desistir?

O puto limitou-se a encolher os ombros.

Alinhámos as garrafas vazias junto da parede, trancámos a porta muito devagar e voltámos cada um em separado para o apartamento da Delilah. Havia um recolher obrigatório e Paris ‘tava uma cidade triste, cheia de sombras coalhadas e ar estagnado. Percorri as

ruelas em silêncio, com pavor de ouvir passos, até nos reencontrarmos todos em casa. Todos, menos o Coleman, claro, o Coleman vivia em casa da mulher. Deixámo-nos cair nos sofás sujos, protegido pelas cortinas do *blackout*.

Encostei o meu estojo à parede e era como se ‘tivesse a sentir o maldito disco lá dentro, ainda quente. Sentia a presença dele duma maneira tão intensa que achei estranho os outros não darem por nada. A cera do disco contendo aquele calor todo como uma vela de altar.

Éramos quatro a viver ali em casa. A Delilah, o Hieronymus, o Chip e eu. Uns meses antes, tínhamos passado o dia a pregar lençóis pretos nas janelas, mas ainda assim aquele maldito sol inundava o apartamento. Os quartos tinham um ar demasiado viciado pra uma pessoa conseguir ficar sóbria. Precisávamos de curar a bebedeira ao ar fresco, pôr a cabeça no lugar. Há semanas que não soprava uma brisa.

O Hiero ‘tava deitado de través na cadeira, com as pernas magricelas a balouçar, quando de repente se virou para mim. O rosto dele era negro e macio como uma beringela.

– Meu Deus, estou enjoado. As minhas tripas parecem calda, pá.

– Ámen – respondi.

– Chiça, preciso dum copo de *leite*.

– Ámen – repeti.

Falávamos como uns mestiços, metade em alemão, metade em gíria dos bares de Baltimore. Arranhávamos umas quantas frases em francês. A única verdadeira língua qu’eu falava além do inglês era *hochdeutsch*. Mas, assim que começava a baralhar as palavras, não conseguia endireitar mais nada. Seja como for, sabia que o Hiero preferia desta maneira. O puto vinha da Renânia, sim, mas tinha a velha Baltimore no sangue. Ou falava como se tivesse.

Ainda era jovem nesse sentido. Na fase da imitação.

Ultimamente, porém, andava diferente. Praticamente não comia nada desde que os Botas tinham entrado na cidade, ‘tava metido em

casa há dias e dias, febril e apático. E quando saiu do torpor, tinha um negrume na alma que eu nunca lhe vira antes.

Lancei um olhar ao meu velho instrumento, a pensar no disco que lá ‘tava guardado. Não era culpa o qu’eu sentia. Não era bem isso.

O Hiero deixou-se cair, deslizando para o tapete aos remendos.

– Ai, Sid – gemeu –, preciso de leite.

– Deve haver no armário. Temos leite em casa? Chip?

Mas o Chip limitou-se a abrir um olho castanho como um homem a afogar-se. Àquela luz, o rosto dele parecia negro como escória.

O Hiero tossiu.

– Estou a tentar acalmar o estômago e não dar cabo dele. – Ele tinha um tique na pálpebra esquerda, que latejava, como às vezes se vê o coração de uma mulher magra a bater através da blusa. – É de *leite* que eu preciso, pá. Nata. Aquela porcaria em pó rasga-nos as entranhas. Como se estivéssemos a cagar areia. Como se fôssemos a porra de uma ampulheta.

– Oh, não é tão mau quanto isso – ripostei. – Seja como for, não há nada aberto a esta hora, rapaz, e tu sabes. A não ser talvez o Coup, mas é longe pra burro. – Ficámos deitados em silêncio durante um minuto. Levantei o braço para tapar a boca e, meu Deus, a minha pele fedia a vinagre rançoso. Era o efeito do tintol, era isso que fazia ao corpo de uma pessoa.

À luz fraca, eu mal conseguia distinguir as poucas cadeiras da sala aninhadas junto da lareira. Pareciam absurdas, como um bando de gansos a esconderem-se do machado. Eram tudo o que restava. A acreditarmos nas histórias da Lilah, em tempos aquele apartamento tinha sido grandioso: cadeiras Luís XIV, lustres de Murano, tapeçarias de Aubusson, tetos altos como numa estação de comboios... Mas o maldito conde que emprestou o apartamento à Delilah mandou-a vender tudo o que pudesse antes da chegada dos Boches. Achou menos deprimente assim. E agora, com a casa tão vazia, o que se sentia era as suas profundezas, como se uma pessoa ‘tivesse encailhada no mar. A escuridão dominava aquele espaço.

Do outro lado da sala, o Chip começou a ressonar baixinho.

Olhei de relance para o Hiero, que agora ‘tava todo torcido na cadeira.

– Puto – disse eu, com a voz empastada. – Eh, puto. – Levei a mão à cabeça. – Não queres mesmo desistir do disco, queres? ‘Tamos quase, pá. Tu sabes que ‘tamos.

O Hiero abriu a boca e arrotou.

– Bom-dia pra ti também – disse eu.

Ele pareceu não ouvir. Vi-o pôr-se de pé a custo, fazendo gemer a cadeira como uma mula velha. Depois, foi a cambalear até à porta. Pelo menos, deduzi que era essa a ideia dele, porque o que pareceu foi que ia em direção à lareira, aos tropeções. Bateu com o ombro numa parede.

E, de repente, ‘tava por terra, de gatas.

– O quê que ‘tás a fazer? – perguntei. – Hiero, o quê que ‘tás a fazer, puto?

– Como, o quê que eu ‘tou a fazer? Nunca viste um tipo a calçar os sapatos? Então, não saias daí, porque isto vai ser excitante. A seguir, vou vestir a porra do casaco.

O Hiero ‘tava a debater-se com o seu velho casaco de *pied-de-poule*, que tinha as mangas todas torcidas. Ainda não se tinha posto de pé.

– Preciso de luz do dia e já.

Saquei do relógio de bolso e olhei pró mostrador até à posição dos ponteiros fazer sentido na minha cabeça.

– Não são horas pra isso, rapaz. ‘Tás fora de ti.

Ele não disse nada.

– Espera até a Lilah acordar e ela leva-te.

– Não tenho paciência pra esperar que o meu *pé* acorde, quanto mais a Lilah.

– Tens de lhe dizer pelo menos o que vais fazer.

– Não tenho de fazer *peva* nenhuma.

Um gemido suave chegou-nos de junto da janela e, depois, o Chip apoiou-se num cotovelo escuro, como se ‘tivesse a posar para uma escultura, os olhos vítreos e as pálpebras a tremeluzirem como traças. A seguir, atirou a cabeça para trás e, de pescoço exposto, parecia que ‘tava a falar com o teto.

– Não sais nada – disse ele pró teto. – Deita-te e vê se dormes.
‘Tou a falar a sério.

– Mostra-lhe, pá – ripostou o Hiero, com um sorriso. – Mostra quem manda a esse teto.

– Põe esse gesso velho e rachado na linha – acrescentei.

Mas o Chip já tinha caído pra trás e ‘tava outra vez a rressonar.

– Vai ao quarto da Lilah acordá-la – disse eu ao Hiero.

O rosto afilado e leonino do Hiero encarou-me com arrogância da ombreira da porta.

– Que raio de vida é esta, se um tipo não pode ir à rua beber um copo de leite sem levar uma ama-seca? – Postou-se debaixo do cabide dos chapéus, todo inclinado como se se tivesse levantado um vento agreste. – Irra, Sid, ‘tás à espera que a Lilah faça o quê, se te meteres em sarilhos? Ela tem algum batom especial que não eu conheço, um batom que dispara balas?

– ‘Tás a ser idiota, pá. – Calando-me, desviei os olhos. – Sabes que não tens documentos, caneco. O quê que fazes se te mandarem parar?

Ele encolheu os ombros.

– Vou só à Mosca. É perto daqui. – Abriu a porta com um puxão e esgueirou-se para o patamar, cambaleando na penumbra.

Fixando as sombras lá fora, senti-me um tanto ou quanto irrequeto. Não sei porquê. Enfim. Mosca era o nome que dávamos à tabacaria que ficava a uns quarteirões de distância. Realmente *era* perto.

– ‘Tá bem, ‘tá bem – murmurei. – Espera, também vou.

Ele levou uma mão esguia à maçaneta da porta como se isso fosse suficiente pra se aguentar de pé. *Este puto vai dar cabo de ti, Sid*, pensei.

O rapaz fez uma careta.

– ‘Tás à espera de um convite por correio? Vamos dar à sola.

Levantei-me aos tropeções, à procura do meu outro sapato.

– Seja como for, não vai haver problema – acrescentou. – Vai correr tudo bem. Ninguém vai à Mosca a esta hora.

– O rapaz ‘tá cheio de certezas – disse eu. – Vejam só como ele ‘tá cheio de certezas.

O Hiero sorriu.

– Ei, ‘tou a viver uma vida de sonho, Sid. Fica perto de mim que ficas bem.

Por essa altura, já nós ‘távamos a descer tropegamente aquelas escadas largas de mármore às escuras e a sair prá rua cinzenta. É que o puto tinha qualquer coisa, entendem? Era tão majestosamente ossudo e tão solene que, com aquele seu maldito olhar de criança esfomeada, era praticamente impossível recusar-lhe fosse o que fosse. Vejam o caso do Chip. O puto costumava irritá-lo comó diabo. Agora, o Chip protege-o a tal ponto que é como se fosse uma segunda mãe pra ele. Por isso, ao vê-lo enfiar o seu velho chapéu andrajoso e sair de casa, pensei: *Em qu’è qu’eu me meti?* Supostamente eu era o mais velho e responsável. Mas ali ‘tava eu, a trotar atrás do rapaz como um cãozinho de colo. Meu Deus. A Delilah ia cortar-me a cabeça.